

DO TODO PARA A PARTE: A BUSCA DO SINGULAR NA PRODUÇÃO DE ENFERMAGEM

Marcos Antônio Gomes Brandão¹

Iniciando o ano editorial de 2009 da EAN Revista de Enfermagem, deixamos ao leitor o convite para um exercício atento de buscar elementos centrais tratados nos artigos. Para isso, começamos olhando para os artigos procurando pelo que poderia conferir aos mesmos uma identidade comum. *A priori*, destacamos que não se trata de um exercício de categorização simples ou fácil, dada uma patente complexidade e amplitude no material.

Sugerimos iniciar pela busca do contraste, e não da figura; ou seja, não almejar pela singularidade, mas pela própria multiplicidade.

No plano conceitual, os teóricos têm se esforçado por recortar a dimensão da Enfermagem na busca de um claro objeto da disciplina. No entanto, a cada publicação da área, intensifica-se a sensação de que somos mais complexos do que a nossa capacidade de delimitação, conceitualização e classificação. O que verificamos no presente número da Revista é uma ecologia de construtos e evidências de pesquisa, dentre construções sobre os saberes, as práticas, as subjetividades e as tecnologias em cenários familiares (presenciais) e também em cenários novos (virtuais).

Os artigos são diferentes entre si, o que torna difícil um simplificação categórica. Contudo, quando olhamos o todo formado por eles, verificamos uma propriedade decorrente da soma: a multiplicidade. Sendo assim, como parte indissociável de um todo, eles também são múltiplos. Ainda mais, são parte de uma ciência que é múltipla.

Busquemos agora outro atributo presente ao conjunto da produção científica, a saber: o do movimento.

O conhecimento na perspectiva construtivista não é visto como algo estático, ele oscila e até se move em espiral. Na oscilação, a produção de Enfermagem desloca-se entre os conceitos constituidores do metaparadigma (indivíduo, saúde, ambiente e enfermagem) e entre as diversas caracterizações do cuidado. Não é diferente com os artigos aqui contidos. Contudo, o verificado movimento de oscilação jamais retorna ao mesmo ponto. A cada ciclo mais se aprofunda, mais se transforma, mais se torna espiral.

As produções científicas geram um movimento de combustão capaz de nos mover do ponto de conhecimento em que hoje estamos para um novo local. Porém, há pelo menos duas perspectivas de observação diante deste movimento.

A primeira é a do olhar mais pontual para os resultados e reflexões decorrentes da produção científica específica de cada artigo em separado. Ainda que salutar, a visão especializada nem sempre nos deixa a possibilidade de atentar para uma evidência que reside em plano mais elevado: a de que estamos nos movendo coletivamente na construção desta ciência que denominamos ciência da Enfermagem. Sabemos que o tempo é exíguo, a informação disponível é virtualmente infinita e nós somos certamente mortais. Esta equação nos leva a embarcar em um vagão de certo modo suficiente em si, porém, incapaz de dimensionar o todo das diversas composições deste trem.

Já que o ano está ainda começando, então, o convite mais genérico é o ofertado. Assim, a segunda perspectiva de olhar é a recomendada. Exercitemos a reflexão para além das questões mais pontuais. Coloquemo-nos sobrevoando os vagões e vendo o quão múltipla, vasta e móvel tem sido a ciência produzida pela disciplina de Enfermagem. Se inicialmente convidamos o leitor ao exercício de busca dos elementos centrais aos artigos, findamos por ter defendido a ideia de que o movimento da identidade da produção não é obtido apenas da parte para o todo, mas, também, do todo para a parte. É um desafio; entretanto, os desafios são boas propostas para se começar um ano.

¹ Editor Associado da Escola Anna Nery Revista de Enfermagem. Professor Adjunto do Departamento de Enfermagem Fundamental. Docente do quadro permanente do Programa de Pós-Graduação da EEAN/UFRRJ. Pesquisador do Núcleo de Pesquisa de Fundamentos do Cuidado de Enfermagem (Nuclearte). Pesquisador do Grupo de Estudos em Aprendizagem e Cognição (GEAC). Brasil. E-mail: marcosagbrandao@yahoo.com.br

GENERAL TO PARTICULAR: IN SEARCH OF SINGULARITY IN THE PRODUCTION OF NURSING

Marcos Antônio Gomes Brandão¹

With the beginning of editorial year 2009 of the EAN Journal of Nursing, we would like to invite our readers to participate in a careful exercise in search of the main elements addressed in the different articles. We should start by taking a close look at the articles to find elements of common identity. Beforehand, we would like to stress that this is not an exercise of simple or easy categorization, because of the visible scope and complexity of the material.

We suggest you start your search by looking at contrast rather than figure; this means, try not concentrating on uniqueness, but more on multiplicity.

At a conceptual level, theorists have tried to cut the size of nursing in search of a clear object of discipline. However, the publication of each area intensifies the feeling that we are more complex than our ability to separate, conceptualize and classify. What this issue of the Journal offers is an ecology of creations and evidences of research, among compositions about knowledge, practices, subjectivities and technologies in familiar settings (presence) and also in new scenarios (virtual).

The articles are all different, making a categorical simplification an intricate task. However, when we look at the whole formed by the diverse articles, we find an attribute that result from the sum of all of them: multiplicity. Therefore, being part of an indivisible whole, the articles are also multiple. In fact, they are part of a science that is multiple.

Now let us seek for another attribute present in the scientific production: motion.

Knowledge - under the constructivist framework - is not seen as something static. It fluctuates and even moves into a spiral. With this oscillation movement, the production of nursing shifts between the concepts of metaparadigm (individual, health, environment and nursing) and the various characterizations of care. The same applies to the different articles contained here. However, this oscillation movement never returns to the starting point. With every new cycle it deepens, it transforms, it becomes more and more a spiral.

The scientific creation generates a combustion movement able to move knowledge from the point it is today to a new location. However, there are at least two perspectives to consider when observing this movement.

The first perspective is to look for more specific results and reflections from the particular scientific production of each article separately. Even if this vision is healthy, the viewpoint does not always give us the opportunity to look for evidence that resides in a higher plane: that we are moving collectively in building this science we denominate: Nursing Science. We know that time is short; that information available is virtually infinite and that we are certainly mortal. This equation leads us to ride in a wagon we can consider auto-sufficient. However, we are unable to measure the whole conformed by the various wagons of the train.

Since the year has just started, our invitation becomes even more extensive. The second approach we recommend is observation. Exercise debate beyond the most specific issues. Fly over the wagons and see how multiple, ample and dynamic the science produced by Nursing has been. If we initially invited our readers to be part of the exercise of seeking for central elements of the diverse articles; we wrapped up by defending the idea that the movement of identity of the production is not achieved only by parts that constitute the whole, but also by the whole comprised by its parts. We know that this is a challenge to be met; however, challenges are good proposals to begin the year.

DE LO GENERAL A LO PARTICULAR: LA BÚSQUEDA DE LO SINGULAR EN LA PRODUCCIÓN DE LA ENFERMERÍA.

Marcos Antônio Gomes Brandão¹

Aprovechando el inicio del año editorial 2009 de la Revista de Enfermería EAN, nos complacemos en hacer una invitación a nuestros lectores para realizar un ejercicio cuidadoso de búsqueda de elementos centrales tratados en los diferentes artículos. Para lo cual sugerimos empezar por analizar los artículos en busca de aquello que pueda conferirles una identidad en común. A priori, queremos destacar que no se trata de un ejercicio de catalogación simple o fácil, debido a la clara complejidad y amplitud del material.

Recomendamos empezar por la búsqueda de contraste y no de apariencia, o sea, en vez de procurar en la simplicidad, guiarse por la inherente multiplicidad.

En el plano conceptual, los teóricos se han esforzado para reducir la dimensión de la enfermería intentando encontrar un objetivo de disciplina irrefutable. Sin embargo, con cada publicación del área, se intensifica la sensación de que somos más complejos que nuestra capacidad de delimitación, conceptualización y clasificación. Lo que podemos comprobar en el presente número de la Revista es la existencia de una ecología de creaciones y evidencias de investigación, entre construcciones sobre el saber, las prácticas, las subjetividades y las tecnologías en escenarios familiares (presenciales) y también en escenarios novos (virtuales).

Los artículos son diferentes entre sí; esto dificulta hacer una simplificación categórica. Sin embargo, cuando vemos la totalidad conformada por los mismos, verificamos que impera una característica resultante de la suma de todas las partes: la multiplicidad. De esta forma, como parte indisoluble de un todo, los artículos también son múltiples. Es más, son parte constituyente de una ciencia que es múltiple.

Busquemos ahora otro atributo presente en el conjunto de la producción científica; se trata del movimiento.

Bajo la perspectiva constructivista, el conocimiento no es visto como algo estático; oscila y hasta puede moverse en forma de espiral. Es en esta oscilación que la producción de la enfermería se mueve entre los conceptos constituidores de metaparadigmas (individuo, salud, ambiente y enfermería) y entre las diferentes características que constituyen el cuidado.

Los artículos contenidos aquí no difieren de este principio. Sin embargo, este movimiento de oscilación verificable jamás regresa al mismo punto. Con cada ciclo se profundiza más, se transforma más, se convierte cada vez más en espiral.

La producción científica genera un movimiento de combustión capaz de trasladarnos del punto de conocimiento en que nos encontramos hoy hacia un nuevo lugar. Por lo tanto, existen por lo menos dos perspectivas de observación frente a este movimiento.

La primera, es la de la visión más enfocada en los resultados y reflexiones generadas por la producción científica específica de cada artículo por separado. Aún cuando esta perspectiva es positiva, la visión de los especialistas no siempre nos brinda la oportunidad de buscar pruebas en un plano más elevado: la certeza de que estamos avanzando colectivamente en la construcción de esta ciencia que llamamos la ciencia de la Enfermería. Sabemos que el tiempo es corto, la información disponible es virtualmente infinita y somos, sin duda, mortales. Esta ecuación nos lleva a embarcar en un vagón que es de cierta forma autosuficiente en sí, pero que es incapaz de medir el todo a partir de los diferentes vagones del tren.

Como el año está apenas empezando, nuestra invitación se vuelve más abierta. Por lo tanto, la segunda perspectiva recomendada es ejercida a través de ver, observar, mirar.

Ejercitemos la reflexión para ir más allá de las preguntas más específicas. Coloquémonos como si estuviésemos sobrevolando los vagones para poder apreciar como la ciencia producida por la disciplina de la enfermería es múltiple, vasta y dinámica. Si inicialmente invitamos al lector a hacer un ejercicio de búsqueda de los elementos centrales de los artículos, finalizamos defendiendo la idea de que el movimiento de identidad de la producción no se obtiene apenas de partes para conformar un todo, sino también, del todo para llegar a las partes. Esto constituye en sí un reto, sin embargo, empezar el año con un desafío es una buena forma de comenzar el año.